

A problemática do gênero em Medeia

Shadiyah Venturi Becker
Instituto de Artes da UNESP
shadiyahvb@gmail.com

Resumo: O intuito do artigo é analisar as ações da personagem Medeia, tragédia grega escrita por Eurípedes, questionando os padrões sociais de gênero. Propomos um olhar sobre a representação feminina e os simbolismos associados a ela, como a procriadora, a amorosa, a submissa, dentre outras caracterizações, a partir da ação da mãe de matar seus filhos. Será proposto um olhar não masculino para a leitura da personagem ao mesmo tempo em que é feito um paralelo entre o passado e o presente, trazendo a arte e a história como construtoras do repertório humano, sendo necessária portanto uma visão crítica das ideologias envolvidas na obra.

Palavras-chave: Medeia – Gênero – Mulher – Bruxa – Arte.

Resumen: En el presente artículo se pretenden estudiar las acciones del personaje Medea, tragedia escrita por Eurípides, cuestionando los padrones sociales de género. Se propone un análisis sobre la representación femenina y los símbolos asociados a ella, como: procreadora, amorosa, sumisa, entre otras características. Todo esto, a partir de la acción del asesinato de los hijos por parte de la madre. Se propondrá una mirada no masculina para la lectura del personaje y, al mismo tiempo que se hace un paralelo entre el pasado y el presente, se utiliza el arte y la historia como herramientas constructoras de repertorio humano, siendo necesaria una visión crítica de las ideologías envueltas en la obra para tal análisis.

Palavras-chave: Medea – Género – Mujer – Bruja – Arte.

Abstract: The purpose of the article is to analyse Medea's character through her actions, a Greek tragedy written by Euripides, questioning the social patterns of gender. It will be discussed the feminine representations and symbols related to it, as the begetter, lovely, submissive and other associations, through the action of a mother killing her children. It will be proposed a non-masculine insight for the character's analyses and at the same time we intend to draw a comparison between past and present, putting forward art and history as part of the human repertoire, demanding a critic point of view about the ideologies involved in the play.

Key-words: Medea – Gender – Women – Witch – Art.

CAJIRA
CENTRO DE ARTES Y TEORÍA DEL ARTE

Introdução

A história de Medeia, escrita por Eurípedes por volta de 431 a.c, provém do mito grego de Jasão e os Argonautas que conta a raptura do Tosão de Ouro guardado pelo rei da Cólquida, pai de Medeia. Na mitologia, este tecido de outro precisa ser pego por Jasão para que retorne à Tessália. A princesa então o ajuda a conseguir o Tosão de ouro com a promessa de que irão se casar ao final (Ferry, 2008).

O enredo da peça se passa tempos após o Tosão de Ouro ter sido raptado. O casal depois disso passa por diversas aventuras e têm filhos. Contudo, em uma de suas trajetórias passam por Corinto, lugar onde Jasão conhece a princesa Gláucia e se apaixona e se casa com ela. Medeia, abandonada pelo marido com as duas crianças, se vinga e mata o rei e sua filha e os própria prole. Embora uma mãe que tire a vida de suas filhos pareça algo inconcebível ou até mesmo antinatural, a morte dos infantes foi necessária enquanto um caminho para conseguir se fazer ouvir e conquistar sua autonomia. É através da agressividade e da não passividade que rompe com determinações de gênero e se torna uma mulher empoderada.

Este presente artigo tem o intuito de interpretar a ação desta personagem, questionando os padrões femininos. É a através da negação do *male gaze*¹ que nos propomos a discutir a figura da Medeia, para que, desta maneira, alguns padrões como a submissão, a sensibilidade e a fragilidade, que são vistas como algo intrínseco às mulheres, sejam percebidas como uma construção social pautada na divisão binária e hierarquizada de gênero, como coloca Judith Butler (2011), em que a identidade é construída dentro de uma ação performática estilizada.

A obra em questão foi construída por um homem, portanto a personagem é constituída a partir de um olhar masculino e não neutro. Porém, quando se analisa a peça na contemporaneidade, é possível ressignificar a figura da Medeia devido a toda a luta feminina, que alterou e permitiu novos vieses sobre o campo simbólico dos indivíduos.

As mulheres gregas, tanto as escravas quanto as livres, não tinham direito civil e nenhum poder político. Eram treinadas desde a infância a fazer tarefas domésticas para estarem preparadas para o casamento, o qual não também não escolhiam. O sexo direciona as experiências e os significados sociais do indivíduo e “o corpo é entendido como um processo activo que corporaliza certas possibilidades culturais e históricas” (Butler, 2011: 71).

Medeia. [...] Entre os seres com psique e pensamento,

1 Termo desenvolvido por Laura Mulvey (2011) o qual aponta que o modo de se ver é influenciado por questões de diferença entre gênero. Portanto, o olhar neutro, é na verdade masculino, o *male gaze*.

quem supera a mulher na triste vida?
 Impõe-se-lhe a custosa aquisição
 do esposo, proprietário desde então
 do seu corpo - eis o opróbrio que mais dói!
 [...] Na casa nova, somos mânticas
 para intuir como servi-lo? Instruem-nos?
 Se o duro estágio superamos, sem
 tensão conosco o esposo leva o jugo
 -quem não inveja? -, ou melhor morrer.
 (Eurípedes, 2010: 45)

Deste modo, pelo fato de Medeia ser do sexo feminino já possui seu destino pré concebido - mãe, esposa e dócil. Entretanto, por ser uma feiticeira neta do Sol simboliza a força e agressividade que são princípios masculinos, de modo que se opõe aos padrões femininos pré estabelecidos.

A personagem sempre buscou subverter o meio em que estava inserida, como por exemplo, quando ela mesma escolhe se unir a Jasão e fugir com ele. Portanto, resolve seus conflitos de uma maneira ativa e foge do estereótipo da mulher passiva, doméstica e amorosa que era esperado na época. A agressividade que possui é o que a torna livre.

Medeia, também pelo fato de ser uma bruxa, já carrega em si a subversão das estruturas sociais. Sua formação é outra e, conseqüentemente, nas suas relações com os homens consegue estabelecer um contato pela força. Os feitiços, por não se saberem seus limites ao certo, permitia ao gênero feminino a performar no mesmo lugar de poder e soberania que o masculino.

A bruxaria foi uma alternativa de defesa e de luta encontrada pelas mulheres para combater a dominação de gênero (Cunha, 2013). A magia é um elemento desestabilizador da sociedade e cria fissuras dentro da ordem pré estabelecida racional e conservadora. Pelo fato ser uma feiticeira, é marginalizada e possui outra função social que as mulheres comuns, o que lhe permite ter mais liberdade para agir e criar.

[..] It's an awareness that witches and gypsies
 Were the first guerrilla and resistance fighters
 Against oppression - the oppression of women,
 Down through ages.
 Witches have always been woman who dared
 To be groovy, courageous, aggressive,
 Intelligent, non-conformist, explorative,
 Independent, sexually liberated, and revolutionary.
 (This may explain why nine million women
 Have been burned as witches.)
 Witches were the first friendly heads
 and dealers,
 The first birth-control practitioners,
 and abortionists,
 The first alchemists. [...]"

(Roszak, 1969, p. 259)²

A morte dos filhos

Medeia Está traçado, amigas: mato os filhos
e apreço a fuga. Não existe um ser
-um ser somente!- que suporte ver
o braço bruto sobre os seus. Não tardo:
o fim dos dois se impõe e a mãe os mata,
se é isso o que há de ser. Ô coração-
-hoplita, descumprir esse ato horrível,
se *ananke*, o imperativo, o dita? Empunha,
mórbida mão, o gládio, e mira o triste
umbral de tãatos! Deslembrar o amor
de mãe, não te apequenes! Na jornada
brevíssima de um dia, não te atendas
ao fato de que deles és a origem,
porterga tuas lágrimas! Amaste
quem dizimas. Funesta moira mesta.
(Eurípedes, 2010: 135)

Nos mitos, as crianças são divinas por serem fruto da união do masculino com o feminino. Porém, quando Jasão se casa com outra, fragiliza o sagrado da relação e da reprodução. Deste modo, influencia Medeia a matar os filhos como uma necessidade de renovação de si e do mundo, uma revolta contra a humanidade que implica tanto na morte física, como a das crianças, quanto na morte simbólica do pai e da mãe.

O recomeço só pode acontecer através da Grande Mãe, pois cabe a ela dar a vida e administrar a morte; o destino é feminino como aponta Angela Waiblinger (1980). Por este caminho, busca a emancipação e o reencontro de si mesma e também a purificação dos filhos para que as perversões humanas não se perpetuem neles.

No entanto, romper com todos os seus laços afetivos é também se distanciar das complexidades das relações. Simone de Beauvoir (1997) afirma que muitas vezes a mãe deseja guardar o filho no ventre, apesar de querer tê-lo em mãos, pois teme as futuras responsabilidades. Assim, evita vivenciar as problemáticas que uma ligação de mãe e filho podem gerar, como o abandono natural destes. Retornar as crianças à terra é um modo de retorná-las a si, mantendo o domínio sobre elas.

A sua ação de matar os filhos é um extremo de agressividade e questiona os estereótipos da mulher e da

2 Tradução do autor: é conhecido que bruxas e ciganas foram as primeiras guerrilheiras e lutadoras da resistência contra a opressão - a opressão da mulher ao longo dos tempos. Bruxas sempre foram mulheres que ousaram ser modernas, corajosas, agressivas, inteligentes, não conformistas, exploradoras, independentes, livres sexualmente e revolucionárias (isto deve explicar porque nove milhões de mulheres foram queimadas como bruxas.) Bruxas foram as primeiras líderes amigáveis e articuladoras, as primeiras praticantes do controle de natalidade e abortistas, as primeiras alquimistas. [...]

mãe dentro daquela sociedade. Ainda hoje, a agressividade é vista como algo intrínseco aos homens, assim como a libido alta e a racionalidade, enquanto que a sensibilidade, a passividade são associadas às mulheres.

O gênero é uma construção social e cultural, que distingue as experiências do indivíduo pela sua genital (Butler, 2011). A própria história e arqueologia, a maneira que são pesquisadas e registradas, reforçam a divisão de gênero ao envolverem os seus estereótipos para sugerir uma predeterminação biológica das funções sociais masculinas e femininas. Portanto, a partir do gênero, justifica-se o papel social que cada sexo ocupou dentro da historiografia, como apontam os estudos de Roberta Gilchrist (1999).

A personagem ironiza essa divisão e demonstra desvalorização que o trabalho feminino sofria quando diz:

Medeia “Levais a vida sem percalço em casa”
(dizem), “a lança os pões em risco.” Equívoco
de raciocínio! Empunhar a égide
dói muito menos que gerar um filho,
(Eurípedes, 2010: 47)

Seu ato de violência torna-se necessário também para poder se fazer ouvir. Uma vez que não se espera isso de uma mãe, sua dor é percebida e, simbolicamente, fragiliza a figura da Grande Mãe e o papel da mulher. Atualmente, pode-se discutir os padrões de feminilidade e analisar a ação da personagem de uma outra perspectiva: será tão antinatural assim uma mãe matar um filho? Se fosse um pai que fizesse isso talvez não causasse tanto espanto. O modo de pensar reflete o domínio que o machismo tem sobre o olhar dos indivíduos.

Toda a mitologia, a arte e a história foram escritas baseando-se na ideologia dos gêneros e na hierarquia por trás disso; este repertório da humanidade é gerado pelas condições da época, gênero, classe e nacionalidade. Medeia, dentro do contexto social em que foi escrita, era vista de modo depreciado. Entretanto, hoje é possível analisar sua figura como subversiva. Chadwick (1990) afirma que precisamos revisar e reescrever a história da arte e questionar suas ideologias e instituições, para que assim seja inserida uma visão feminista na produção, recepção e representação da arte. Desta maneira será possível reconstruir os símbolos entorno da mulher e do feminino, e conseqüentemente, alterar seus estereótipos.

Conclusão : Medeia e a mulher contemporânea

Socialmente, na Grécia antiga, era estabelecido que as mulheres deveriam servir ao marido, procriar e realizar as tarefas domésticas. A mulher completa seria a casada e com filhos, a perfeita seria também

uma boa dona de casa, em que esquece de si mesma e se dedica a uma única causa: a casa (Massey, 1998). Medeia, por mais subversiva que seja, seguiu esta regra e pode-se dizer que este foi o seu erro. Afastou-se do seu país e da sua família para fazer tudo a Jasão e seus filhos, entregou-se a isso e, quando foi traída, nada lhe restou.

Esta dinâmica de relacionamento perpetuou-se ao longo da história e a mulher contemporânea ainda vive isso de forma atualizada ou pelo menos com alguns resquícios. As questões da personagem, por mais particulares que sejam, dialogam com todas as mulheres, tanto as de sua época (aproximadamente 430 a.C) quanto as contemporâneas. Os contextos dos conflitos se alteraram, mas a sua essência não se modificou, uma vez que já tornou-se parte da formação do gênero feminino.

A chave do machismo reside no controle do olhar e pré determina o viés que encaramos os sexos (Cruz, 2010). As bruxas rompiam com os padrões esperados e abalavam seus mecanismos. Hoje em dia se transformaram em feministas, em mulheres empoderadas. A Medeia representa uma heroína e antagonista de si mesma, quando perverte os padrões de gênero ao mesmo tempo em que segue o destino trágico de servir ao marido e aos filhos, esquecendo de si mesma.

Eurípedes não escreveu uma peça feminista, ainda que a figura da protagonista seja forte e em alguns trechos tenha seus direitos de mulher defendidos. No teatro grego, apenas homens podiam encenar, usavam-se máscaras para distinguir os sexos e as personagens. Apesar do contexto machista em que a obra está inserida, na situação atual, é possível analisá-la por outra perspectiva, negando o *male gaze*.

A arte é um dos principais componentes para se constituir o *capital simbólico* de uma sociedade e, por isso, revisitar a peça com outro olhar é importante, uma vez que isso implica na alteração da representação da mulher e o imaginário que cerca este universo. A ideologia está imbricada na imagem e, como aponta Linda Nochlin, acaba se tornando senso comum pelo fato de as pessoas não perceberem a articulação do pensamento envolvido, que reflete as estruturas de poder. Por isso, é importante se permitir afetar pela obra de arte, mas também analisá-la de modo crítico. Pois, do mesmo modo que ela leva ao reconhecimento do outro, de suas complexidades e, assim, de si mesmo, pode igualmente manipular o olhar e o pensamento.

Augusto Boal, na fábula do Xuá Xuá, retrata a importância do teatro como meio de identificação da sua própria humanidade, “teatro é isto: a arte de nos vermos a nós mesmos, a arte de nos vermos vendo!” (Boal, 2016: 26). Ler a peça Medeia com uma perspectiva feminista contrapondo o passado e o presente, permite-nos a compreender melhor a figura do feminino e perceber como cada época cultural ressignifica o símbolo feminino. É importante perceber quais convenções e representações do gênero se repetem ao longo da história, para se alterar seu *modus operandi* e atribuir novos significados ao ser mulher.

Referências Bibliográficas

- Beauvoir, S (1980). *O segundo sexo : a experiência vivida*. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro.
- Boal, A. (2016) *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. Editora Cosac Naify, São Paulo.
- Butler, J (2011). “Actos performativos e constituição de gênero. Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista” in: Macedo, A.G.; RAYNER, Francesca (Org.). *Gênero, cultura visual e performance*. Antologia crítica. Minho: Universidade do Minho/Húmus, 2011: 69-87.
- Cruz, A.L.C. (2010) O olhar predador: A arte e a violência do olhar. *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online] 89: 71-87.
- Chadwick, W (1990). *Women, art and society*. London: Thames and Hudson.
- Cunha, H. (2013) Mulher e magia em Medéia. *Revista Soletas* [Online] 25.
- Eurípedes (2010), *Medéia*. Editora 34, São Paulo.
- Ferry, L. (2008) *A sabedoria dos mitos gregos: aprender a viver II*. Editora Objetiva , Rio de Janeiro.
- Gilchrist, R. (1999) *Gender and archaeology. Contesting the past*. London/New York: Routledge.
- Mulvey, L. (2011) “Prazer visual e cinema narrativo”. In: Macedo, A.G.; Rayner, F. (Org.). *Gênero, cultura visual e performance*. Antologia crítica. Minho: Universidade do Minho/Húmus: 121-132.
- Massey, M. (1998) *Woman in Ancient Greece and Rome*. Cambridge University Press.
- Nochlin, L. (1988) *Women, art and power and other essays*. New York: Harper and Row.
- Roszak, B.; Roszak, T. (1968) *Masculine/Feminine : readings in sexual mythology and the liberation of women*. Harper Colophon Books, Nova Iorque.
- Waiblinger, A. (1997) *A grande mãe e a criança divina: o milagre da vida no berço e na alma*. Editora Cultrix, São Paulo.